

Apresentação

A *Revista Rebento*, do Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGA/ IA-Unesp e do Departamento de Artes - DeArtes/ IA-Unesp, abriu chamada para colaborações para esta edição de Número 12, com o título *DISTOPIAS, UTOPIAS E OUTROS TÓPOS EM TEMPOS DE PESTE*, a fim de refletir sobre o lugar das expressões artísticas implicadas na corporeidade e no evento presencial, diante da presente restrição de contato social e de deslocamento.

Ainda que ainda vivamos os reflexos prolongados deste momento, sem a necessária disjunção para uma análise mais abrangente, algumas questões foram propostas pela Editoria, a título de provocação. Indagações complexas, que mal esperávamos que fossem tão amplamente contempladas. Perguntamos: quando elementos fundantes das artes do corpo, como acontecimento compartilhado, presença, fruição e relação em tempo real precisam ser revisados, de que maneira as linguagens e suas práticas pedagógicas e criativas se reinventam? Também, estávamos inquietos por verificar se os registros históricos da cena poderiam fornecer memórias e projetos que nos auxiliassem a pensar o campo das artes na atualidade, sob os epítetos da peste, do sacrifício, da crise e da cura pela criação.

Continuamos nossas indagações para o novo número, que aqui se concretiza, perscrutando de que modo o uso da tecnologia, que vinha se avolumando nas recentes realizações artísticas a partir da ideia de tecnoconvívio, se somariam agora à totalidade das possibilidades da cena teatral, da dança, do circo, da arte da performance e da intervenção urbana - no campo das artes corporais - e dos hibridismos variados entre artes plásticas e audiovisuais. Por fim, nossa curiosidade abrangia as perspectivas críticas, buscando averiguar quais delas poderiam embasar a resistência das artes presenciais frente ao controle social sobre os indivíduos e às modalidades de imunização impostos pela pandemia, na visão dxs artistas, drmaturgxs, teóricxs, arte-educadrxs e pesquisadorxs.

Para atender aos desafios do Dossiê assim projetado, a *Revista Rebento* abriu sua perspectiva editorial para textos originais de formatos e dimensões variadas, desde artigos, fragmentos, poemas, entrevistas, dramaturgias, micro-narrativas, traduções, denúncias e manifestos, até propostas discursivas e visuais híbridas e inusitadas. Ampliaram-se as normas de publicação, para dar espaço às possibilidades múltiplas de observação, estudo e poetização, na urgência do contexto em que vivemos.

Os retornos que recebemos foram incrivelmente variados, em suas invulgares modalidades de apresentação e de vias de aproximação aos temas que norteiam este Dossiê. Para organizá-los, desenhamos três partes, **Notas reflexivas sobre arte e pandemia**, **Dramaturgias da peste e do confinamento** e **Escritas do corpo e da imaginação política**, buscando desbaratar um tipo de divisão entre palavra e imagem que vimos reproduzindo, a exemplo de uma certa disposição da cultura editorial dominante nas publicações acadêmicas. É comum que as revistas científicas classifiquem (e, muitas vezes, hierarquizem) a “natureza” das produções publicadas (quase sempre escritas e, na grande maioria das vezes, no formato de artigo) a partir de aspectos ditos objetivos, relativos à articulação entre a abordagem de cunho científico e um certo mo-

delo de argumentação (o que inclui a adoção das normas de escrita erudita e das regras para exposição das citações e referências, assim como a prioridade a determinadas estruturas textuais, revisão da literatura etc).

Neste volume, entretanto, propomos transgredir o que se entende por reflexão e por escrita, assim como misturar a relação mais usual entre temas e suportes. Se já vínhamos considerando o caráter ensaístico para as produções visuais que chegavam à Rebento, ampliamos aqui o desejo de incluir em nossas edições outras formas de construção discursiva (e, assim, também difundí-las) e, em conjunto, convidar a compor conosco outros sujeitos, coisa tão importante para a área das Artes, diante das novas condicionantes dos últimos tempos.

A edição de Número 12 - DISTOPIAS, UTOPIAS E OUTROS TÓPOS EM TEMPOS DE PESTE, desse modo, conta na Parte I - **Notas reflexivas sobre arte e pandemia** com oito trabalhos. Inaugura o debate o texto *Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos*, colaboração de Jorge Dubatti, que aborda aproximações e diferenças entre as culturas tecnovivial e convivial, estabelecendo quatro desfechos possíveis para as transformações da vida cotidiana hoje, observando Buenos Aires, a exemplo do mundo. Em continuidade, o estudo *Cholera-morbus ou O morto embargado: teatro e epidemia no Rio de Janeiro em meados do século XIX*, de Mariana Mayor, constrói interlocuções curiosas entre as criações cênicas inspiradas na epidemia de cólera e a sociedade brasileira do século XIX; o que sugere ressonâncias entre aquele momento e o da pandemia de Covid-19. Vinicius Dias Oliveira de Almeida assina o primeiro ensaio visual da revista, *Gravura e livro de artista: ação manual e criação poética*, explorando a tridimensionalidade do livro de artista evocada em fotografias, na investigação das possibilidades táteis da gravura. As ações manuais apresentadas no trabalho inspiram-se no ambiente doméstico e na poesia do cotidiano. Maksin Oliveira apresenta

Ação diante do intempestivo: o posicionamento necessário do ensino de teatro em tempos de isolamento social, abrindo uma série de indagações sobre o ensino do teatro diante das mutações na área, em virtude das regras sanitárias de prevenção e combate ao novo coronavírus. Na mesma seara, Lucila Romano Tragtenberg comunica suas impressões em *Voz ao vivo em atividade remota: possibilidade e especificidades*, elaborando o desafio do ensino remoto da voz falada e cantada. A distância enquanto um fenômeno inerente à ação pedagógica, e não apenas determinada pelo elemento geográfico, é o substrato enfocado pela autora. O jogo entre impossibilidade, necessidade e descoberta está expresso também em *Movimentos Narrados no Tempo-Espaço da Quarentena*, de autoria coletiva de Lilian Freitas Vilela, Clara Gouvea do Prado, Caroline Nicácio da Rocha e Dafne Sense Micheleppis, em que quatro narrativas cruzadas desdobram divagações a partir da experiência somática mediada pela tela, vivenciadas pelas dançarinas e educadoras durante o período de confinamento. As práticas criativas e pedagógicas por meio remoto são também discutidas em *Pandemônicos em Pandemia e o teatro como saída em temp[os] de reclusão*, de Simone Carleto, que descreve as invenções e impasses de atores e atrizes em formação no processo de montagem de um espetáculo teatral, trespassado pelo afastamento social. Encerrando esta primeira parte, Guilherme Nakashato assina o ensaio visual *A escola sem som, nem cor*, que oferece uma visada poética sobre a escola desabitada.

Na segunda parte desta edição, que nomeamos de ***Dramaturgias da peste e do confinamento***, reunimos oito trabalhos. O primeiro deles, *O movimento da luz: uma poética do silêncio*, de Cleber Alexsander Pereira Nunes, faz um elogio ao olhar sensível, aguçado pela quarentena, que se deixa atravessar pela dimensão plástica da realidade, narrando o espaço e refletindo nosso estado presente. Em *Ham-net*, texto dramatúrgico de autoria coletiva do Grupo de Pesquisa em Matéria Cênica, integrado por Camila Cortellini Ferreira, Glauce Priscila Ribeiro de Carvalho, Glaucia

Marina Alves Pedroso, João Pedro Ferreira dos Santos Ribeiro, Leonardo Birche de Carvalho, Luís Fernando Viti de Freitas, Nádia Rodrigues de Oliveira, Pedro Augusto Pina Furtado, Péricles Aurélio Guimarães Raggio, Sofia Botelho de Almeida, Victor Silva Nóvoa e Vinícius Torres Machado, conhecemos uma personagem que lida não com o assassinato do rei da Dinamarca, como faz a personagem do original de Shakespeare, mas com a morte presumida do Teatro Ocidental, fadado à modalidade virtual. Natália Siufi escreve e performa *Eu não tô com COVID, mas não consigo respirar*, numa linguagem que replica as limitações da fala de protesto no espaço virtual, atravessada pela realidade violenta que a pandemia só veio agravar, e que nos tira o ar. Jessica de Souza Barbosa assina a dramaturgia seguinte, *Os sonâmbulos*, construída a partir de cenas em torno de uma família comum, que se depara com um vírus que torna as pessoas em sonâmbulos. Lívia Mara Botazzo França assina a escrita de *Insular_subterrâneo em três tempos*, um poema visual que joga com três saberes, o falar, o pensar e o imaginar, e as temporalidades que deles emanam. Luane Pedroso e Caroline Vetori de Souza experimentam a escrita *fricional*, em *Hoje ainda é sobre ontem: dramaturgia enredada no entre tempos*, de inspiração feminista. Gabriel Farias dos Santos é o autor de *Merecemos ver. Às Estrelas*, texto para a cena afiliado ao afro-futurismo, que reimagina o presente momento, de intensas assimetrias sociais, projetando um 2121 em que o jovem preto é chamado a ser herói interestelar, diante da ameaça do convite-99, que sacrifica especialmente jovens pretos terráqueos. Encerrando esta segunda parte, Leonardo Birche de Carvalho assina a micro-narrativa *Das coisas que congelamos*, sobre o tempo em suspensão de um final de tarde de isolamento social.

Na terceira parte, de subtítulo ***Escritas do corpo e da imaginação política***, somam-se outros sete trabalhos. Eduardo Bruno Fernandes Freitas e Marcelo Deny, em *Provocações possíveis para perguntas in-*

findáveis: corpo, arte e pandemia, associam o autorretrato de Caravaggio como Baco, em que o pintor estaria provavelmente acometido pela malária, às novas possibilidades do corpo nas artes, na tensão entre o controle biopolítico e a sua ressignificação em novas formas de existência. O ensaio de Gabriela Tarouco, *Ofélia máquina de guerra*, uma foto-performance, encontra a materialidade do corpo da mulher na reimaginação da personagem do texto de Heiner Müller, transferida para o contexto do isolamento social pelo Covid-19. Em *Telematismo: uma vacina para corpos pandêmicos que dançam*, de Fernanda de Oliveira Nicolini, mais uma vez a corporeidade é tematizada, agora observando como as danças telemáticas têm motivado a criação em artes no Brasil e o quanto também podem mover os e as artista da dança durante e após a pandemia. *Tatuagem e confinamento* é o título do registro de Taiom Almeida da Silva sobre seu trabalho com a escrita na pele; texto que sugere a tatuagem enquanto prática de compartilhamento e distinção social da pessoa em espaços de isolamento. O ensaio visual *Um corpo sem órgãos: ao artigo indefinido nada falta*, o artigo indefinido é o condutor do desejo, de Hanna Claudia Freitas Rodrigues, Baga de Bagaceira Souza Campos e George Varanese Neri, propõe imagens de um corpo que se agencia contra a estratificação binária, provendo o imaginário de uma outra forma de organização da corporeidade e da vida. Cafira Zoé nos sintoniza com a fala coletiva do Teatro Oficina, em *carta ao cultivo da aliança vital*, um chamado ao ATO vital, ao “lavar o medo”, em resposta ao controle e ao assombro impostos pelo (E)estado pandêmico. Ao final dessa jornada, um excerto de *Escola de Resistência - Episódio Um: Esta loucura tem que parar* faz um último sobrevoo no contexto pandêmico global e suas implicações para as artes performativas. A tradução de trecho da entrevista, que reúne o discurso de abertura da atriz e ativista indígena Kay Sara no Festival de Viena, seguida da conversação entre o encenador Milo Rau e a performer Tania Bruguera, com mediação de Lara Staal, nos direciona aos inúmeros dilemas que a arte política deverá encarar, diante da opor-

tunidade de mudança de comportamentos na atual crise, de abrangência sanitária, política, econômica e social.

Encerramos esta apresentação com uma homenagem a todos e todas que, corajosamente, lutam pelo cuidado de seus semelhantes e pela resistência às violências das políticas de estado totalitárias. Manifestamos também nossos sentimentos a aqueles e aquelas que perderam entes queridos neste período.

Lúcia R. V. Romano e Vinícius T. Machado
Editoria *Rebento*